

---

**PERIODISMO, PROPAGANDA E LEITURA:  
O NASCER DAS LETRAS NO RIO DE JANEIRO OITOCENTISTA**

**Jaqueline Stafani Andrade**

Possui graduação em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2010 - 2013), instituição na qual atuou como bolsista do Programa de Educação Tutorial em História nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. Ademais, participou como colaboradora (2010 - 2013) do Centro de Documentação e apoio à Pesquisa Histórica da UNESP Franca na catalogação, digitalização, organização e tombamento de acervos documentais diversos.

**PERIODISMO, PROPAGANDA E LEITURA: O NASCER DAS LETRAS NO RIO DE JANEIRO OITOCENTISTA****PERIODISM, ADVERTISING AND READING: THE RISE OF LETTERS IN RIO NINETEENTH**

Jaqueline Stafani Andrade

**RESUMO**

Os impressos periódicos são de capital importância para a compreensão da História da Leitura, em especial, tratando-se do Rio de Janeiro Oitocentista, são relevantes fontes de análise. É por meio deste veículo que a presente pesquisa se insere; partindo, portanto, dos anúncios do *Jornal do Commercio* do ano de 1855, este artigo tem por objetivo demonstrar um pequeno esboço da formação das letras no Rio de Janeiro, tomando como elucidativo exemplo o circuito de comunicação do folhetim e posterior livro *A Carteira de meu tio* de autoria de Joaquim Manoel Macedo - ambos os suportes editados na tipografia de Paula Brito.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da Leitura, Rio de Janeiro, *Jornal do Commercio*, Circuito de comunicação, *A Carteira de meu tio*.

**ABSTRACT**

The periodic print is of paramount importance to understandings Reading's History, especially if talking about Rio de Janeiro in eighteenth century; it's a relevant sources to analyze this. Through this communication vehicle this research it's inserted; beginning to advertising of *Jornal do Commercio* in 1855 year, this monographic work has the objective to demonstrate an outline about letters in Rio de Janeiro, taking as elucidative example the communication circuit of feuilleton and later book: *A Carteira de meu tio* by *Joaquim Manoel Macedo* - both of this medias edited in Paula Brito's typography.

**KEYWORDS:** History of read, Rio de Janeiro, *Jornal do Commercio*, Communication circuit, *A Carteira de meu tio*.

Do periódico ao livro, da propaganda à leitura, o caminho percorrido pelo leitor oitocentista para chegar às letras tipografadas, tanto de um folhetim quanto de um livro, desenvolveu-se na capital do Império, a partir do paulatino surgimento de um ambiente letrado, que passou a comportar tanto instituições quanto outras possibilidades de letramento. O esboço deste ambiente, por sua vez, pode receber, hoje, contornos precisos, traçados por meio de *circuitos comunicacionais*. Esses circuitos possibilitam mapear desde a oferta e procura de um periódico até as propagandas de outros suportes inseridas nele, e, inclusive, indagar sobre o que se lia e quem eram os leitores cariocas que gradativamente adquiriam hábitos de leitura.

Todavia, a incorporação de tais hábitos, assim como o desenvolvimento das instituições, deu-se de forma lenta. A irregularidade do comércio livreiro, por exemplo, afetava o consumo dos livros: era preciso trazê-los de fora. Mais adiante, em 1879, a *Revista Brasileira* criticaria:

O povo brasileiro – não é sem mágoa que dizemos – posto que dava desempenhar em período, talvez não muito remoto, papel importante no teatro do mundo, não está ainda preparado para consumir o livro, substancial alimento das organizações viris e fortemente caracterizadas. Faltam-lhes as condições de gosto, instrução, meios, saudável direção de espírito, sem as quais não se pode cumprir a livre obrigação que equipara o artesão ao capitalista, o operário ao literato, o pobre ao milionário – a de comprar, ler e entender verdades ou ideias coligidas em um volume, cuja leitura demanda largo fôlego e cujo estudo requer tempo de que o povo em geral não dispõe (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998).

Há de se advertir que, embora um documento, a *Revista Brasileira* de 1879 expressa de forma parcial e lacunar uma dada opinião. Deve-se, portanto, criticá-la, tanto interna quanto externamente, para que, com a contribuição de outros documentos do mesmo período, seja possível uma leitura entrelinhada.

Quanto ao seu conteúdo, os editores da *Revista* não se referiam estritamente à inexistência de leitores ou hábitos de leitura na capital do Império, mas sim a toda uma estrutura que impossibilitava uma ampla difusão das letras. Neste ponto, cabe demonstrar de que forma se desenvolveram, no criticado microcosmo letrado do Brasil de 1879, os esparsos leitores da *Revista Brasileira* e de outros impressos de circulação na época.

Durante o Segundo Império, período de circulação da *Revista*, o Rio de Janeiro já era relativamente dotado de instituições e veículos de informação inexistentes antes da chegada Corte em 1808. Dessa forma, mesmo que vistos de forma crítica pela *Revista*, os

leitores de 1879 contavam com uma imprensa em certa medida liberal, pela qual, em 1855, serão impressos anúncios de folhetins e de livros no *Jornal do Commercio*, analisados mais adiante (FRANÇA, 1999).

Seguindo esta cronologia, podemos destacar um ponto marcante na construção deste ambiente letrado: a chegada da Corte portuguesa em 1808, que foi, sem sombra de dúvidas, um ponto de inflexão na história das letras e da leitura. Para abrigar suas instituições, o monarca teve de empreender reformas de curto e longo prazo na nova sede da Coroa. Instalando-se no Rio de Janeiro em 8 de março de 1808, Dom João VI iniciou as medidas essenciais à sua permanência em terras brasileiras, como a abertura dos portos às nações amigas e a nomeação do conselheiro Paulo Fernandes Viana à Intendência-Geral, criada para implantar hábitos mais civilizados e urbanos.

Além das medidas citadas, o posterior incentivo à vinda de missões estrangeiras impõe ao longo do período joanino significativas mudanças, principalmente, no tange o *modus vivendi* colonial que recebe uma crescente europeização dos hábitos e costumes num sentido diferente do ibérico (FRANÇA, 1999).

Outra medida que contribuiu imensamente para construção desse ambiente letrado no Brasil foi a criação da Imprensa Régia. Introduzida pela necessidade de impressão das notícias pertinentes à administração real, a imprensa contava, neste período, com a censura régia, exercida por José da Silva Lisboa, futuro Visconde de Cairu (LUSTOSA, 2004).

O primeiro periódico brasileiro, segundo Isabel Lustosa em *O nascimento da Imprensa no Brasil* (LUSTOSA, 2004), foi editado em Londres pelo jornalista Hipólito da Costa (que, por motivos de envolvimento com a maçonaria, teve de se exilar na Inglaterra). Chamado de *Correio Brasiliense*, o jornal circulava de maneira clandestina no Brasil em 1808, dadas as críticas que fazia à administração real.

Já a *Gazeta do Rio de Janeiro*, lançada, por sua vez, em 10 de setembro de 1808, foi o primeiro periódico impresso a circular no Brasil dentro das normas régias. Com inspiração na *Gazeta de Lisboa*, publicava decretos oficiais e informava as notícias internacionais, extirpando de seu conteúdo tudo o que pudesse ser considerado liberal ou revolucionário.

Além dos escassos e clandestinos jornais e folhetos circulantes no período joanino, os leitores mais abastados e, portanto, em sua maioria, vinculados a cargos na Corte, podiam contar com um principiante comércio livreiro. Novamente, segundo França:

Até então, além da procura desse artigo ser extremamente limitada, sua entrada no país só podia fazer-se clandestinamente. Após 1808, a situação começa a melhorar. Embora, segundo conta o Padre Perereca, ainda fosse difícil encontrar bons livros e seu preço alcançasse valores exorbitantes, a cidade já contava com alguns poucos livreiros. Luccock, em 1813, falava na existência de três. Em 1814, nas edições da *Gazeta do Rio de Janeiro*, os únicos anunciantes do produto são P. Martins filho (proprietário de uma casa comercial situada na Rua da Quitanda) e a própria *Gazeta*, que mantinha uma loja do gênero anexa à sua sede. Havia também alguns anúncios de estabelecimentos que, em meio a produtos diversos, comercializavam livros. Um exemplo desse tipo é uma loja situada na Rua do Ouvidor n.º 10, onde se vendiam objetos de vidro e outras variedades, em meio às quais as *Fábulas Escolhidas de La Fontaine*, os *Princípios da língua Francesa*, os *Efeitos da Má Educação* e outras obras a preço de 2\$000. (FRANÇA, 1999, p. 65)

Voltando aos jornais, seu desvencilhamento da Coroa viria somente em 1821, com os desdobramentos da Revolução do Porto (1820) e das Cortes Constituintes: “beneficiando-se já das bases da Constituição portuguesa que asseguravam a liberdade do prelo” (LUSTOSA, 2004, p.21). A partir de então, pululam pasquins e periódicos dirigindo críticas à Coroa e relatando os acontecimentos das constituintes, assumindo, então, acentuada importância na politização das elites e no processo de independência de Portugal.

No Primeiro Reinado (1822 – 1831), os progressos civilizacionais só aumentariam, principalmente no tocante às atividades comerciais, que se diversificavam cada vez mais após a abertura dos portos. Com a efervescência da recém-proclamada independência, dão-se os necessários passos para a construção de um Império estruturado, iniciando os projetos de formulação de uma Constituição já em 1823.

Quanto à normatização do ensino público nas províncias, a Assembleia Constituinte, dissolvida em novembro de 1823, nada pode fazer mesmo com os apelos do jovem monarca Pedro I. Nem a posterior Constituição, outorgada em março de 1824, e suas poucas citações no que diz respeito ao ensino, regulamentou eficazmente a educação. Já no ensino privado, capitaneado por uma elite local, o mesmo não pode ser dito. Dentre as iniciativas privadas, destacam-se diversas sociedades, tais como a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, a Faculdade de Medicina e Hospício Pedro II, dentre outras.

Somente com o Ato Adicional de 12 de Agosto de 1834, que colocava a instrução pública sob a responsabilidade das províncias, é que a relação entre a administração Real e ensino começam a se descentralizar, beneficiando, contudo, apenas o Rio de Janeiro, sede da Coroa.

Além dos avanços elencados no ensino privado, um importante marco foi a fundação, em 1837, do Imperial Colégio Pedro II, escola que abrigou boa parte da elite intelectual carioca e nacional em formação. Servindo como espelho para implantação no resto do Brasil, tal instituição modelar não resolveu os problemas educacionais. A situação na instrução pública só iria “sofrer substantiva alteração em 1854, com a reforma Couto Ferraz” (FRANÇA, 1999, p.89).

É também durante o Primeiro Reinado que desponta um importante ambiente para o meio letrado e para o comércio urbano: a Rua do Ouvidor.

Se o passante não queria somente satisfazer os desejos do estômago, as ruas da Corte não o frustravam. Ele podia comprar requintadas luvas inglesas na Wallerstein, artigos de perfumaria no Desmarais, sofisticadas roupas no Dagnan e na loja Mme, Besse, modernos instrumentos ópticos nas oficinas do Rei, ou podia simplesmente deleitar-se em ver as coloridas vitrinas da Galeria Geolas. (...) Essa passagem de perfil parisiense tornou-se logo um ponto de encontro habitual do círculo de *flâneurs* cariocas que, após uma tarde no Passeio público ou no Jockey Club, se aglutinavam nesse espaço para colocarem-se a par das últimas novidades da sociedade local. (FRANÇA, 1999, p. 48.)

Ainda neste período, floresce a compreensão de uma nova esfera pública, em que os modos isolacionistas, fechados nos casarões patriarcais, passam a ser mais urbanos e civilizados. Diante deste novo ambiente, em 1826, assina-se, com a França, um importante tratado que permitiu a implantação de jornais e o comércio de livros:

Tal tratado criou grandes facilidades para a importação de impressos, introduzindo na cidade não só um significativo número de obras daquele país como também um amplo leque de jornais europeus. Na mesma época, desembarcaram na Corte alguns impressores estrangeiros: o primeiro deles foi Emílio Seignot Plancher Pierre (fundador do *Jornal do Commercio*), que abriu uma casa de livros na Rua do Ouvidor onde passou a desenvolver, ao lado das actividades de livreiro, um intenso trabalho de editoração. Mais tarde, vieram A. Mougnot, J. Vuleneuve, J.J. Dodsworth, Douville e outros. Esses indivíduos deram um grande impulso à venda de livros, multiplicando a oferta de títulos oferecidos na cidade. (FRANÇA, 1999, p. 81).

Este é, portanto, outro ponto de mudança na história das letras e da leitura no Brasil, tanto pelo *boom* em que a imprensa se verá inserida, quanto pelas transferências culturais que aí se iniciam, especialmente após a introdução de um regular comércio livreiro, difundido também pelo já citado *Jornal do Commercio*, fundado em 1827.

O *Jornal do Commercio*, importante periódico carioca, bem como a editoração de diversos livros, tiveram seus endereços fixados na Rua do Ouvidor. Emílio Seignot Plancher

Pierre, seu fundador, possuía contato direto com folhetins e livros impressos na França, com isso, propagandeava as vendas diretamente em seu periódico.

Além da tipografia de impressão do jornal, a editoração, localizada no nº69 e mais tarde nº65, prestou relevantes serviços às letras no Brasil. A editoração da *Garnier Frères*, fundada pelo mais novo dos irmãos Garnier, Baptiste Louis em 1844, foi responsável por diversos livros nacionais e franceses, também anunciados no jornal de Plancher.

Durante o Período Regencial (1831 – 1840), as casas livreiras e as tipografias cresciam vertiginosamente, destacando-se, nestes locais, novos e ativos atores sociais, os chamados homens de letras. Empregados nas tipografias como escritores de romances, alguns possuíam formação superior em direito ou medicina, enquanto outros apenas buscavam, por meio do trabalho tipográfico e editorial, melhores condições sociais. Entre esses últimos, encontra-se o tipógrafo, e posteriormente editor, Paula Brito.

Francisco de Paula Brito (1809 – 1861), carioca de origem humilde, fora alfabetizado apenas por incentivo de sua irmã mais velha. Para se filiar ao rol dos homens de letra, além de outras atividades, atuou na Tipografia Nacional e no citado *Jornal do Commercio*. Já em 1831, Brito adquiriu um estabelecimento na Praça da Constituição nº. 51 e fez de lá sua casa de impressão. Com o crescimento do empreendimento abriu outras tipografias na mesma rua.

Das atividades às quais se dedicou, até mesmo as mais engajadas, como ativista contra o preconceito racial e editor de obras de escritores nacionais e poemas autorais (com sua participação no movimento romântico de 1840 – 1860), destacamos, a fim de adentrar nos meandros da história da leitura do ano de 1855, a editoração na revista *A Marmota*, fixada na Praça da Constituição nº. 51.

Na seção de anúncios do *Jornal do Commercio* de 1855, presente no AEL (Arquivo Edgard Leurenroth - UNICAMP), constam vinte e nove anúncios de folhetins, propagandas do periódico *A Marmota*, listas de livros disponíveis nos estabelecimentos de Paula Brito, na *Garnier* e em outros dois estabelecimentos de menor porte.

Destes anúncios, dezenove são relativos *A Marmota* de Paula Brito, o que nos leva à hipótese de que o periódico possuía grande recepção, principalmente por sua longevidade nos *circuitos comunicacionais* da época. Sua presença é apontada direta ou indiretamente por ser impresso no mesmo estabelecimento em que Paula Brito editorava e vendia livros: Rua da Constituição nº. 64. Doze das dezenove citações, entre 21 de janeiro e

13 de março, referem-se aos folhetins de Joaquim Manoel Macedo, com destaque para *A Carteira de Meu Tio*, cujos anúncios, juntamente com brochuras da história de Macedo, iniciam-se de 09 de abril a 08 de novembro.

Outros romances de Macedo também podem ser encontrados nos anúncios do *Jornal do Commercio*, como, por exemplo, *O Forasteiro*, que, entre folhetins de *A Marmota* e brochuras, aparece treze vezes no período 08 de janeiro e 08 de novembro. Nas propagandas do romance, era recomendado às moças “ler com atenção pela sua belieza, graça, naturalidade e fina moral, romance dos nossos usos e costumes, passado em Itaborahy”<sup>1</sup>.

Além deste, também outros romances e novelas estiveram presentes: *O nome Pedro*, anunciado em 13 de fevereiro e 13 de março; *Hypocrita*, em 13 de fevereiro; o poema *Uruguay* de Basílio da Gama, em 13 março; *Vicentina*, em 29 de setembro; volumes editados, incluindo uma tradução, de *Norma*, em 29 de setembro: “reimpressa da melhor tradução que se diz ser do Sr. Dr. Pinheiro Guimarães”<sup>2</sup>

Para elucidar como eram os meandros da leitura em 1855, seguiremos o modelo do *circuito da comunicação* de Robert Darnton, estabelecendo, todavia, um circuito próprio para cada obra ou folhetim escolhido para análise, tentando, dessa forma, empreender o seguinte caminho indicado pelo autor:

[...] de modo geral, os livros e impressos passam aproximadamente pelo mesmo ciclo de vida. Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume o papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor. O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e escritores, eles formam noções de gênero e estilo, além de uma idéia geral do empreendimento literário, que afetam seus textos, quer estejam escrevendo sonetos shakspearianos ou instruções para montar um kit de rádio. (DARNTON, 2010, p. 125).

Buscando, portanto, uma visão do amplo sistema esmiuçado por Darnton, tentaremos estabelecer um circuito que parte do leitor e volta a ele, contendo as possíveis nuances da propaganda, oferta e procura, e os atores que entremeavam determinada obra. Sendo o objeto recortado a partir de fonte específica – os anúncios do *Jornal do Commercio* -, algumas etapas estão obscurecidas, formando um ciclo que não contém todas as peças para um completo *circuito da comunicação*. Os pequenos pontos de intersecção, porém, formam

<sup>1</sup>*Jornal do Commercio*, 08 de novembro de 1855.

<sup>2</sup>*Jornal do Commercio*, 29 de novembro de 1855.



um importante esboço de um circuito maior, lançando pequenos feixes de luz à História da leitura no Rio de Janeiro do Oitocentos.

No circuito específico, aqui traçado a partir dos anúncios, acrescentamos ao modelo de Darnton um mediador que propagandeava as obras, o *Jornal do Commercio*. Dos supracitados romances anunciados neste veículo, escolhemos, para análise pormenorizada, o circuito percorrido pela obra *A Carteira de meu tio* de Joaquim Manoel Macedo.

Tal escolha se deu primeiramente porque esta é a obra que possui maior volume de anúncios em 1855 - mesmo sendo estreia naquele ano - (QUEIROZ, 2010) e, além disso, possuiu um circuito peculiar que leva à hipótese de que a obra teve grande procura pela recepção, fazendo com que passasse do formato de folhetim, impresso na revista *A Marmota*, para ser, posterior e concomitantemente, impressa em volumes de brochura.

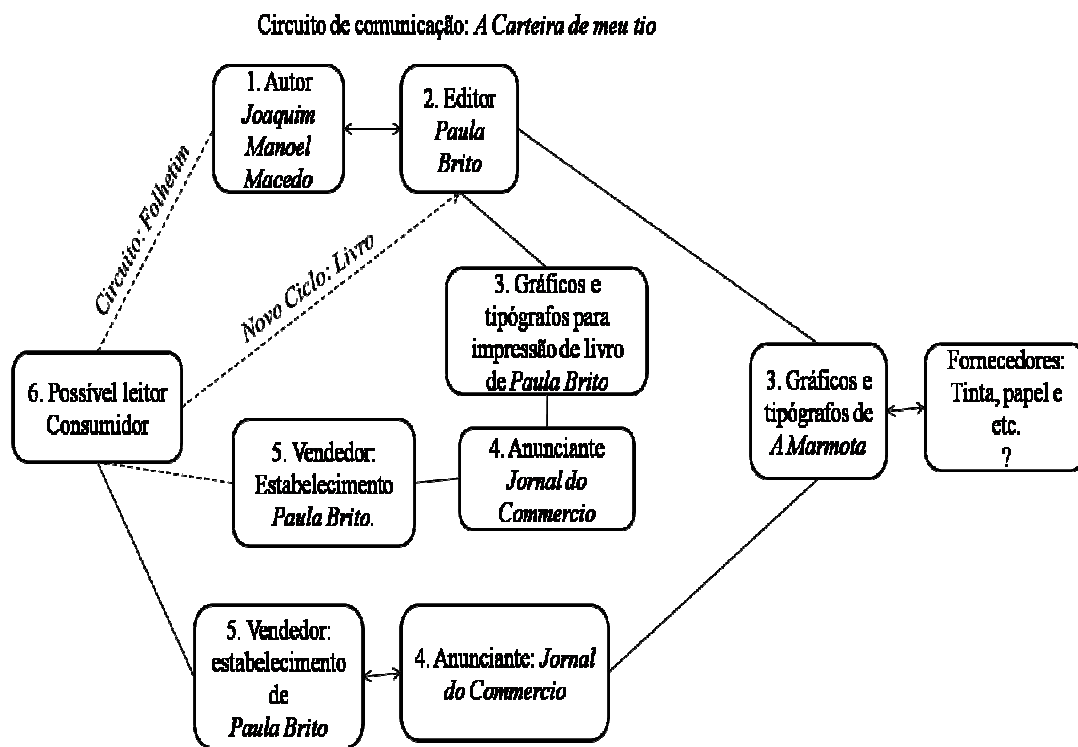


Imagem 1: Circuito de Comunicação - A Carteira de meu tio

Tendo seu primeiro anúncio em 21 de janeiro de 1855, o folhetim *A Carteira de Meu Tio*, impresso em *A Marmota*, inicia o circuito, passando do primeiro componente, o autor Joaquim Manoel Macedo, para o segundo, o editor Paula Brito. Envolvidos na tipografia

de Brito, encontram-se diversos atores anônimos que trabalham em seu prelo na impressão de *A Marmota*.

Neste âmbito, incluem-se os fornecedores de papel e tinta, que podem, hipoteticamente, ser brasileiros, visto que, na mesma época, o papel e a impressão da *Garneir* eram considerados superiores por serem importados da França. Dando seguimento ao circuito do folhetim, o quarto componente é o *Jornal do Commercio*, veículo que anuncia o folhetim e possibilita a venda de *A Carteira de Meu Tio* ao público leitor do jornal. O quinto componente, o vendedor, era o estabelecimento de Paula Brito na Rua da Constituição nº 64. O último componente, fechando o circuito, é o leitor, aquele que consome o *Jornal do Commercio* e visita *A Marmota*, e, uma vez consumindo o folhetim de Macedo, reinicia o ciclo. Aqui, faz-se necessária uma pausa para que verifiquemos os possíveis leitores.

Selecionando alguns anúncios de 1855, encontramos dois de singular importância para a análise do possível leitor. Em 10 de fevereiro, o anunciante redige o seguinte versinho chamado ‘verdades puras’:

Quem a MARMOTA assignar  
Não se há de arrepender;  
Na CARTEIRA DE MEU TIO  
Achará muito o que ver! ...

Se for senhora há de dar  
Por bem gasto o seu dinheiro,  
Achando cousinhas bellas  
No romance o – FORASTEIRO

De não gostar da MARMOTA  
O leitor não tenha medo,  
Nelia escrevem bellas pennas,  
E escreve o – Dr. Macedo!

Assignatura por seis mezes 5£; avulsos *gratis*.

Podemos depreender deste singular anúncio que, diferentemente de *O Forasteiro*, *A Carteira de meu tio* não possui destinatário fixo, ou seja, não é somente destinada às senhoras ou às moças, como no anúncio anteriormente citado. Sua história narra as aventuras de um sobrinho que, voltando de Paris - diga-se de passagem, sem os devidos estudos para o qual fora enviado -, vê-se metido no problema de decidir sua carreira perante seu tio; nesse entremeio, decide-se por ser político. Seu tio, assim, dá-lhe uma carteira (um caderninho de anotações) e a Constituição que então vigorava, para que seu desmiolado sobrinho percorresse

o Brasil e tomasse nota daquilo que considerava não condizente com a Constituição, sendo, portanto, um importante aprendizado para sua futura carreira política.

Se utilizarmos as análises de Zilberman e Lajolo, poderemos identificar, mesmo que hipoteticamente, um leitor. A história de *A Carteira*, em seu anúncio no *Jornal do Commercio*, não identifica, como feito em *O Forasteiro*, um público alvo. Por se tratar de um gênero em que o personagem vive diversas experiências, não é possível inferir um destinatário específico, podendo ser lido, portanto, por homens e mulheres letrados que adquiriam o folhetim *A Marmota*.

Já em 23 de fevereiro, lê-se no anúncio: “Tem se estado riquíssima A Marmota Fluminense. – Assignatura 5£ por seis mezes. Na carteira há de tudo, e tudo muito bom; a carteira faz rir as pedras!”. A partir disso, podemos inferir o alvo como um leitor que, além de familiarizado com o folhetim, visto que este é o segundo mês de publicação, é também simpatizante do gênero cômico. Ainda falta evidência, contudo, para definir se o leitor é homem ou mulher.

Elucidado o ciclo do folhetim e seus possíveis leitores, iniciaremos o ciclo interno do *Circuito de Comunicação*, que na figura acima chamamos de *Novo Ciclo: Livro*. Neste ciclo, podemos inferir que *A Carteira de Meu Tio* pode ter passado pelo mesmo processo das obras de Dumas, que foram impressas em folhetim e reimpressas em volume de brochura devido ao amplo sucesso, o que é evidenciado pela maciça presença de anúncios, maximizando a possibilidade de suas vendas àqueles que, sendo somente leitores dos anúncios do *Jornal do Commercio*, não estariam a par do folhetim de *A Marmota*.

Iniciando novamente o ciclo pela demanda de volumes em brochura, o novo suporte passa a ter também como destinatários os leitores que se interessaram pelo amplo sucesso de Macedo, mas que não necessariamente liam *A Marmota*.

O livro, agora reeditado por Paula Brito, recebe mais atores no terceiro estágio do ciclo, que, contando com demandas tipográficas diferentes das do folhetim, vai além do papel e tinta, necessitando também da encadernação. Já no quarto estágio, a obra é anunciada no *Jornal do Commercio* e, posteriormente, vendida no estabelecimento de Paula Brito, reiniciando o ciclo a partir da compra feita pelo leitor.

Dessa forma, podemos depreender, a partir do esmiuçar de um *circuito comunicacional*, como as letras se estruturaram no oitocentos carioca e, aos poucos, contribuíram para a formação de um ambiente letrado.

De folhetim a livro, a obra de Macedo contou com diversos atores envolvidos nesse ambiente, incluindo os leitores incipientes que buscavam participação intelectual. Em vista das considerações apresentadas, podemos perceber que tal leitor aprendiz, inicialmente apresentado pela *Revista Brasileira*, desenvolveu-se custosa e paulatinamente ao longo dos oitocentos. Mas que, a despeito disso, já dava passos firmes, demandando até mesmo trocas de suporte, digamos “mais sofisticados”, à moda europeia em suas leituras.

Os leitores em formação, ou efetivamente formados em instituições regulares, e tantos outros homens de letras, como Paula Brito, elucidam, no bojo dos oitocentos, um amplo florescimento das letras, regado pela atuação da imprensa periódica e, sem dúvida, pelo trânsito comercial e livreiro da Rua do Ouvidor e da Praça da Constituição nº. 64, que, mesmo pouco difundido, fazia-se presente e atuante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luis Felipe de (org.). **História da vida privada no Brasil**, dir. Fernando A. Novais. 2 vol: Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ESPAGNE, Michel. Transferências culturais e história do livro. **In: Revista Livro**, n. 02, agosto/2012.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Literatura e sociedade no Rio de Janeiro Oitocentista**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 2ª Edição. São Paulo: Ática, 1998.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da Imprensa no Brasil**. 2ª Edição Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MEYER, Marlyse. **Folhetim uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Cultura e sociedade no Rio de Janeiro: 1808 – 1821**. 2ª Edição – São Paulo, Editora Nacional, 1978.

**Teses e dissertações**

SIMONATO, Juliana Siani. **A Marmota e seu Perfil Editorial: Contribuição para Edição e Estudo dos Textos Machadianos Publicados Nesse Periódico (1855-1861)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós graduação em Ciências da Comunicação, Área de Concentração Teoria e Pesquisa em Comunicação Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Ivan Prado Teixeira. São Paulo, 2009.

**Artigos acadêmicos**

CALDEIRA, Cláudia A. A. **Fragmentos e apontamentos sobre Francisco de Paula Brito**. XII Encontro de História Anpuh Rio Identidades. Disponível em: <[http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1215644227\\_ARQUIVO\\_FragmentoseapontamentossobreFranciscodePaulaBrito.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1215644227_ARQUIVO_FragmentoseapontamentossobreFranciscodePaulaBrito.pdf)>. Acesso em: 12 de janeiro de 2014.

PINHEIRO, Alexandra Santos. **Baptiste Louis Garnier: O homem e o Empresário**. I Seminário Brasileiro sobre o livro e a História Editorial. Realização: FVRB – UFF/PPGCOM – UFF/LIHED. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/homem.pdf>> Acesso em 12 de janeiro de 2014.

QUEIROZ, Juliana Maia de Queiroz. A carteira de meu tio: ficção em Joaquim Manoel Macedo. **In: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Volume 2 - Número 3 - Julho de 2010 www.rbhcs.com ISSN: 2175-3423.

SALES, Germana Maria Araújo. **Circulação de romances no século XIX.**

Disponível em: <[http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/sem17/COLE\\_1360.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem17/COLE_1360.pdf)>. Acesso em: 12 de janeiro de 2014.

## FONTES

Anúncios do *Jornal do Commercio* catalogados por Juliana Gaiola Sagradim, sob a orientação de Márcia Azevedo Abreu presentes no Arquivo Edgard Leurenroth localizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH):

21 de janeiro de 1855 A  
21 de janeiro de 1855 B  
24 de janeiro de 1855  
26 de janeiro de 1855  
30 de janeiro de 1855  
08 de fevereiro de 1855  
10 de fevereiro de 1855  
11 de fevereiro de 1855  
13 de fevereiro de 1855  
15 de fevereiro de 1855  
23 de fevereiro de 1855  
06 de março de 1855  
13 de março de 1855  
09 e 10 de Abril de 1855  
13 de Abril de 1855  
08 de junho de 1855  
17 de julho de 1855  
19 de julho de 1855  
09 de agosto de 1855  
26 e 29 de agosto de 1855  
30 de agosto de 1855  
22 e 24 de setembro de 1855  
29 de setembro de 1855  
19 de outubro de 1855  
08 de novembro de 1855  
17 de novembro de 1855  
24 de novembro de 1855

\*\*\*

Artigo recebido em maio de 2014. Aprovado em setembro de 2014.